

Belém é retrato do gargalo ambiental que ONU vem testemunhar

Saneamento

Favela em Belém escancara gargalo ambiental

Cerca de 7 mil pessoas vivem sobre palafitas, sem água encanada ou esgoto tratado. Cidade vai sediar COP-30, em 2025

PAULA FERREIRA
ENVIADA ESPECIAL A BELÉM

Quando seu Raimundo Costa chegou menino do interior do Pará para viver na Vila da Barca, no centro de Belém, a comunidade ainda não tinha as dimensões que a tornaram uma das maiores favelas de palafitas da América do Sul. Setenta e oito anos depois, as casas construídas em cima do rio, na Baía do Guajará, se multiplicaram e com elas os problemas de esgoto, acesso à água e acúmulo de lixo.

Localizada no centro da capital do Pará, que será palco da Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP-30), em 2025, a Vila da Barca está ao lado de um dos bairros mais caros de Belém, o Umarizal, e escancara as desigualdades da cidade. Lá vivem 7 mil pessoas. Dados do Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento, compilados pelo Instituto Trata Brasil, mostram que 83% da população de Belém não tem coleta de esgoto e 23% não tem acesso à água. Aos 91 anos, Raimundo ainda espera ser contemplado com uma casa do programa habitacional iniciado há 18 anos, interrompido e retomado. "Agora eles prometeram que em dez meses vão entregar, mas não estou acreditando. Vocês estão vendendo, *(minha casa)* é um pedaço



Raimundo Costa espera há 18 anos ser contemplado por uma casa

inho: cozinha, quarto, sala, tudo junto. Eu espero passar uns anos ainda na casa nova, mas não sei." As obras na Vila da Barca começaram em 2004, com recursos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e previsão de construir 634 casas, além de obras de distribuição de água, pavimentação, construção de centros culturais e lazer. O projeto foi interrompido e retomado em 2019 pela prefeitura. Na nova fase, a perspectiva é de construir 198 casas até janeiro com acesso a água e esgoto. O esgoto das casas cai direta-

mente no Rio Guamá, que passa embaixo das casas, e se soma ao lixo despejado entre as habitações, criando um cenário propício para proliferação de insetos e outros animais. Sentada diante de sua casa, enquanto limpava peixes para o almoço, a dona de casa Janaina Freitas, moradora da vila há 30 anos, falou sobre as dificuldades. "Os canos são todos na lama, quando a maré enche a gente não consegue puxar a água, porque tem cano que estoura e aí puxa a água *(nó)* da maré para a caixa. Quando a maré está seca, a gente consegue puxar a água da

torneira mesmo." Enquanto a prefeitura de Belém disse ao **Estadão** que o saneamento era responsabilidade da Companhia de Saneamento do Pará (Cosanpa), esta, por sua vez, respondeu que o abastecimento de água para os moradores que vivem em "ocupação desordenada" só poderá ser resolvido quando a prefeitura regularizar a moradia. "O histórico do projeto demonstra, ao longo dos anos, uma série de interrupções para adequações e ajustes técnicos, ocupação de áreas por terceiros, atrasos em pagamentos, desistência de construtoras, reprogramação de cronogramas e defasagem de contratos", afirmou, em nota, a prefeitura. Os primeiros moradores chegaram ao local após serem pressionados pelas reformas urbanas no início do século 20 na cidade. O líder comunitário Gerson Bruno diz que "são mais de 100 anos de resistência". "Resistindo ao abandono do poder público. Em pleno século 21, na cidade que vai sediar o maior evento climático do planeta, ainda existem famílias morando sobre palafitas, sem tratamento de água e de esgoto. E vergonhoso para o Estado brasileiro." •

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Metrópole Caderno: A Pagina: 15